

## De Novo o Pinto Renascido

*Fernando da Rocha Peres*  
*Profº Adjunto do Dep. de*  
*História da UFBA*

1. Ao realizarmos nossa pesquisa histórica sobre a vida e obra de Gregório de Mattos e Guerra (Bahia-1636-Recife-1695), que resultou em uma *Dissertação* de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia <sup>1</sup>, fomos também envolvidos por outra curiosa personalidade, a do poeta português Thomaz Pinto Brandão (Porto-1664-Lisboa-1743).

Em artigo intitulado "O Pinto Novamente Renascido"<sup>2</sup>, publicado conjuntamente com uma seleção de "Poemas Brasileiros do Pinto Renascido"<sup>3</sup>, realizamos uma breve síntese da atribulada existência deste vate portuense, procurando, na medida do possível, correlacioná-la com a do *clérigo tonsurado* Gregório de Mattos e Guerra. Amigos em Portugal, ambos poetas e satíricos, partem em 1682 de Lisboa para o Brasil. O filho dos Mattos da Bahia, viúvo e maduro, vinha exercer a função de Tesoureiro-Mór da Sé <sup>4</sup> e trazia

consigo o jovem companheiro, amigo das musas e das assuadas.

Na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, e seu Recôncavo, os dois poetas vão entregar-se e integrar-se perfeitamente aos prazeres e as complicações políticas, suas sátiras à sociedade local bem revelam este comportamento, sendo ambos deportados para Angola nos fins do século XVII. Não só por estas coincidências de história de vida, mas também por impregnações existentes na obra editada (e inédita) dos dois poetas, estamos convencidos que o *corpus poético* atribuído ao satírico baiano muito deve, e vice-versa, ao jovem e fogoso Pinto Brandão <sup>5</sup>.

Esta nossa breve comunicação tem como objetivo apresentar uma *gravura* onde aparece figurado o poeta Thomaz Pinto Brandão e também a divulgação de um segmento de um seu texto poético, *autobiográfico*, onde o autor conta, em poucos versos, sua permanência na Bahia.

2. Diz uma biografia anônima de Thomaz Pinto Brandão que no momento da edição do seu *Pinto Renascido*, de 1732, quando o poeta já havia retornado da África para Portugal, mandou Thomaz executar um seu retrato gravado /.../ "que, abriu muito ao natural o engenho de *Monsieur de Brie*, na idade de 66 anos, em que se achava, a que elle fez acrescentar por orla com o seu nome estas palavras, *Viveu de alegrar a gente, e morreu de fome*. Acompanhou o Artífice ao pé da efigie a Musa *Talia*, com seus instrumentos e hum Satyro como os Antigos o pintavão, que com huma mao pega em huma folha de papel, em que se lê *Pinto Renascido*, e mais abayxo esta Redondilha.

*Se para ti, porque aqui  
Sucinta verdade ha,  
Alguma te amargará,  
Mas bom he ler para ti.*

E ao pé do Satyro este Epigrafi, *Irridens* cupide figo, que significa o mesmo que dizer zombando as prego; porém este aditamento foy travessura do Abridor da Estampa, e não reprehensivel jactancia do Autor". <sup>6</sup>

Em nosso artigo já mencionado <sup>7</sup>, lamentávamos não contar com esta preciosa e bela *gravura* de personagem que viveu na Bahia do Século XVII e que foi companheiro de Gregório de Mattos e Guerra, pois a edição com que trabalhamos (a de 1752), naquela ocasião, não tinha a estampa acima descrita.

Solicitamos então à *Biblioteca Pública Municipal do Porto* que nos enviasse microfilme da referida gravura a qual, neste momento, fazemos *renascer* <sup>8</sup>, e que, em verdade, corresponde exatamente a descrição do biógrafo anônimo de Thomaz Pinto Brandão (vide reprodução).

3. Os versos do poema *autobiográfico* de Thomaz Pinto



Thomaz Pinto Brandão, poeta português, (Porto - 1664 - Lisboa - 1743), amigo de Gregório de Mattos e Guerra. *Gravura* aberta pelo artista *Monsieur de Brie*, no século XVIII, e estampada em: *Pinto Renascido empennado e desempennado: primeiro voo / ... / Lisboa, na Of. da Música, 1732.*

*Universitas* (30): 49-58, maio/ago. 1982

Brandão, citados por Manuel Pereira Rabelo em variantes da sua biografia apógrafa de Gregório de Mattos e Guerra, e de novo referidos e argutamente aproveitados por Pedro Calmon<sup>9</sup> para fixação da data de retorno do poeta baiano ao Brasil, em 1681, com a qual não concordamos<sup>10</sup>, fazem parte de um longo poema intitulado "Vida de Thomaz Pinto Brandão / Escripta por elle mesmo semivivo, / e por elle mesmo semimorto / oferecida / Ao Serenissimo Infante e Señor D. An(t)onio'"/, existente em códice da *Biblioteca Pública Municipal do Porto*<sup>11</sup>, em forma de diálogo, aqui transcrito, no seu segmento referente a sua estada na Bahia:

	<b>IDADE DE PRATA, E BISNAGA</b>
	<b>R</b>
filho do Porto	<p>Quatorze anos teria,          Quando os meus fracos miolos,          De meu Porto me guiarão,          Para este estranho porto.          Onde dentro em quatro mezes,          Falta de noticia, ou tolo,<sup>12</sup>          Passei cento e vinte dias,          Que forão de jejum todos.          Eu não ia dizer isto,          Porém vem aqui tão próprio          Que sou mais acredor dele          Do que D. Carlos Ozário;  <i>Viendo-me al fin desvalido</i><sup>13</sup>  <i>De la fortuna y del oro</i><sup>14</sup>  <i>Patrimonios que dá el cielo,</i>  <i>Al formar el alma a soplos</i>          Vendo-me rapaz, e em terra,          Que abominara o ser moço,          Nem outro modo de vida,          Achava por nenhum modo.          Procurei ir-me <i>al hegado</i>,<sup>15</sup>          A um baixarel mazombo,          Que estava para a Bahia,          Despachado, e desgostoso.          De lhe não darem aquilo,          Com que rogavão a outros;          Pelo crime de poeta,          Sobre jurista famoso.          Era Gregório de Mattos,          Que tão bem lhe foi forçoso,          Fugir do monte de correntes,          E buscar do sul os golfos.          Serião mil, e seis centos,</p>
a	
Gregório de Mattos	
(fólio 6)	

E outenta, e hum quando fomos,  
 Desta barra do bogio,  
 Buscar aquela dos monos. 16  
 As bonanças não se pintão  
 E só quando muito, ou pouco,  
 É um "vela d'abant'lá ei"  
 Em pinho, cravalho, ou sobre.  
 Pelo meio de uma agulha,  
 A linha enfiamos logo,  
 Cozendo-nos com a barra  
 Dos Lançois de S. Antonio.  
 Entramos na terra Santa  
 Nome por certo bem posto,  
 Que é do Salvador cidade  
 Bahia dos Santos todos  
 Lá achei um irmão abade 17  
 Que tinha bom patrimônio,  
 E matrimônio teria,  
 Que os mais deles são noivos 18  
 E talvez fosse essa a causa 19  
 De não achar nele encosto,  
 Que lá parentes modernos,  
 São como cá santos novos.  
 Vendo isto fui-me a milícia  
 Onde tive um grande soldo,  
 Por me fazerem mais praça,  
 Outros em que achei socorro.  
 Mas quanto Marte me dava  
 Era para Venus pouco,  
 Porque havia mais Vulcanos  
 Mais bigornas, e mais jogo.  
 Terra de melhor agrado,  
 Torrão mais delicioso,  
 Não se há de achar neste mundo,  
 E só haverá no outro.  
 Digo isto, porque fui nela  
 Sempre querido de todos 20  
 Mais buscado que cortinas  
 Para a procissão de Corpus  
 Lá sem ser Senhor de engenhos,  
 Tinha o engenho mais pronto  
 Porque os outros eram canas  
 E o meu muito mais jocoso.  
 Ver pelas onze mil virgens,  
 Havendo festas de congos  
 O abalo das purdentes

(fólio 6 verso)

- (fólio 7)
- E das loucas o alvoroço.  
 Ver para correrem canas  
 Concorrerem os contornos,  
 Nos domesticos cavalos,  
 Os cavaleiros fogosos.  
 Tudo era um paraíso  
 E tudo foi purgatório  
 Sair dele desterrado,  
 Por um malvedado pomo.  
 Levei lá tão boa vida,  
 Quanto agora aqui desconto;  
 Mas não me peça que apague,  
 Se me dá Deus esse troco.  
 Lá vivia, e lá passava  
 Tão perto como gostoso;  
 Carne boa, e mé comia,  
 Mais de cabra que de porco.  
 Como a comia sem taxa,  
 O almotacel-mor, zeloso  
 Me pôs isso em tanto aperto  
 Que um ano a vi com o olho.  
 Entendeu que me custasse  
 Caro um boceado mui gordo 21  
 E por sustentar-me vivo  
 Um ano me teve morto.  
 Usou do mundo as avessas  
 Fazendo o direito torto;  
 Porque prendeu o defunto  
 Deixando o matador solto.  
 Degradou-me de potência  
 Dizendo a sentença ao povo:  
 Que pois dei carne à Bahia  
 Fosse a Angola dar os ossos
- P Pois não houve algum amigo 22  
 Que a isso pusesse estorvo?  
 Sendo na Bahia tantos 23  
 Como em Lisboa piolhos?
- R Sim, D. João de Alencastre  
 Advogado em meu abono,  
 Meteu uns embargos limpos  
 Porém Luiz Cesar borrou-os;  
 Porque governando o Rio  
 Para onde eu fui absolto,  
 Por seu gosto quis mandar-me  
 A Angola por outro gosto.  
 Nem podia haver remedio
- (fólio 7 verso)

Se o fato tinha disposto  
Que eu lá fosse: paciencial  
E passar daqui não posso

P Pois eu já que aturo a buxa,  
Desejara ouvir o estouro.

R Eu arrebentar não quero.  
Porque o caminho de Angola  
É comprido, e bem penoso.

(fólio 8)

P Tem muita razão, descansa,  
Que harto trabalho é ser louco.

Muito pouco rico de informações históricas, no sentido estrito, este poema - breve o divulgaremos por inteiro - é em verdade um notável "romance" de um aventureiro do século XVII, daqueles que aqui aportaram para fazer fortuna e em busca de uma nova vida.

Nesta peça literária, aqui apresentada como um *documento histórico-biográfico*, não deixa de aparecer revelada a sociedade baiana de então, o seu *melting pot*, a sua hospitalidade, destacada especialmente a do Recôncavo das canas e dos engenhos, tão cantada e decantada na obra apógrafa de Gregório de Mattos e Guerra.

Em todo caso, resta a satisfação de saber que no século XVII a Bahia foi considerada pelo jovem poeta portuense: "Torrão mais delicioso / Não se há de achar neste mundo, / E só haverá no outro".

## NOTAS

1 Neste trabalho acadêmico intitulado *Gregório de Mattos e Guerra: uma re-visão biográfica*, realizamos uma crítica da biografia apógrafa do poeta atribuída a Manuel Pereira Rabelo, matriz de todos os ilustres autores que têm estudado GMG (Varnhagen, Valle Cabral, Araripe Júnior, Pedro Calmon, Segismundo Spina, dentre outros), reavaliando os dados contidos nesta fonte tão citada, apresentando novos documentos, inéditos, novas datas, e acima de tudo abrindo novas interpretações em torno da vida do maior poeta de língua portuguesa do século XVII. Esta nossa *Dissertação* recebeu o grau de *Distinação*, tendo sido julgada pelos Professores Alceu Amoroso Lima, José Calasans Brandão da Silva e Luiz Vianna Filho.

2 Peres, Fernando da Rocha. O Pinto novamente renascido. *Universitas* (8-9):215-28, jan.-ago., 1971.

3 Esta antologia de "Poemas brasileiros do Pinto renascido", por nós selecionada, foi extraída de Brandão, Thomaz Pinto. *Pinto renascido empenado e desempenado: primeiro voo* [...]. Lisboa, Na Officina de Pedro Ferreira, 1753, e publicada em *Universitas* (8-9):230-249, jan./ago.

*Universitas* (30): 49-58, maio/ago. 1982

1971, acompanhada de um glossário.

4 Conforme nossa argumentação em *Dissertação* de Mestrado na Universidade Federal da Bahia (vide nota nº 1), e de acordo com uma *Carta de Apresentação de Tesoureiro-mor da Sé da Cidade da Bahia*, Chancelaria da Ordem de Cristo Antiga, Livro 73, Fólio 406 verso, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Gregório de Mattos *não foi* Desembargador da Relação Eclesiástica como pretendeu. Chegou na Bahia, em 1682, como clérigo tonsurado e *Tesoureiro da Sé*. Aliás o poema de Pinto Brandão *acentua*: "A um baixarel mazombo, / Que estava para a Bahia, / Despachado, e desgostoso. / De lhe não darem aquilo, / com que rogavão a outros;"

5 Thomaz Pinto Brandão publicou parte da sua obra, com as *licenças necessárias*, em Portugal, ainda em vida. A Biblioteca Nacional de Lisboa possui quatro edições do *Pinto renascido* (1732, 1733, 1752, 1753), o que comprova a popularidade do poeta. Estas edições aparecem escoimadas da sua produção satírica e erótica.

— O poeta também editou inúmeros poemas avulsos e *plaquetes*. Estamos levantando uma sua bibliografia, principalmente dos poemas referentes ao Brasil.

6 Vida socinta e abreviada do autor, por hum dos academicos aplicados seu contemporaneo. In: *Pinto renascido* [...], folha preliminar 12 a folha preliminar 19.

7 Vide nota nº 2.

8 A gravura vem estampada na edição do *Pinto renascido, empennado e desempennado: primeiro voo* [...], Lisboa, na Of. da Música, 1732. p. 24-568.

— A Biblioteca Nacional de Lisboa também possui uma edição do *Pinto renascido* [...], Lisboa, Of. da Música, 1732, *porém sem a gravura*, conforme fomos informados, o que faz supor a existência de duas tiragens para uma mesma edição ou duas edições no mesmo ano.

9 Calmon, Pedro. A vida espantosa de Gregório de Mattos; retrato histórico. In: Mattos, Gregório de. *Obras*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1933. v. 6, p. 37.

10 Vide nossa nota nº 4. É o próprio Pinto Brandão que não tem muita certeza do ano de sua viagem para o Brasil em companhia de Gregório de Mattos e Guerra, pois emprega o verbo no *condicional ou futuro do pretérito*: "Serião (o grifo é nosso) mil, e seis centos / E outenta, e hum, quando fomos, / Desta barra do bogio, / Buscar aquelas dos Monos". *Aquela dos Monos*".

11 *Códice 41 F.A.* da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Portugal. O fragmento do poema de Thomaz Pinto Brandão está nos fólhos 6, 6 verso, 7, 7 verso, e 8 do referido *manuscrito* apógrafo.

12 Bluteau., 1720, s.v; Tolo. Val o mesmo que *Atolado*, & empantanhado na ignorância, rudeza, & impericia.

13 *me*, entrelinhado

14 *oro*: no texto ouro

15 Este verso é uma nova variante: "Procurei ir-me *al begado*". Calmon, Pedro (vide nota nº 9) apresenta: "Procurei a sociedade".

16 Do verso "Procurei a sociedade" / ao verso "Aquele dos Monos", Calmon, Pedro já havia feito a transcrição (vide nota nº 9). Se compararmos o texto do *Códice* da Biblioteca Pública Municipal do Porto neste trecho do poema, com o *Códice* da Nacional do Rio de Janeiro (Papéis vários, Ms. IX, fls. 130-131) encontramos pequenas variantes.

17 *Abade* aqui nos parece empregado no sentido de padre, de confessor. Seria esta uma alusão ao *clérigo tonsurado* Gregório de Mattos e Guerra seu amigo e protetor? Seria referência ao Eusébio de Mattos? Em verdade são conjecturas.

18 Antes do que *por* acréscimo à margem; *Noivos*: na entrelinha inferior.

19 *a*: entrelinhado.

20 Antes *de*, letra riscada.

21 *Boceado* / *Bocel* / *Bulto* *Corominas*. s.v. ton. del. lat. vultus 'rosto': /.../; de aqui pasó a designar la masa del cuerpo de una persona, 1599, y se extendió finalmente a una masa cualquiera, 1560-77 (quizá ya 1495).

22 *os*: entrelinhado.

23 *na Bahia*: entrelinhado.

## SUMMARY

This article, or rather scientific communication, has resulted from a number of researches carried on by the author about the life and work of

*Universitas* (30): 49-58, maio/ago. 1982

poet Gregório de Mattos e Guerra, who, in life, was, both in Portugal and in Bahia, Brazil, a close friend of the Portuguese poet Tomás Pinto Brandão, from the city of Porto, Portugal, whose life and work is, in a certain way, greatly coincidental with that of the said Brazilian poet. In this work the author brings to public knowledge an eighteenth-century poem by Pinto Brandão, which tells of his coming to Bahia, together with Gregório de Mattos, as well of his stay among us. The article is illustrated by a print from an eighteenth-century engraving of the Portuguese poet.

## RÉSUMÉ

Cet article, ou communication, est le résultat des recherches développées par l'auteur sur la vie et l'oeuvre du poète Gregório de Mattos e Guerra, qui a eu pour ami, au Portugal et à Bahia, le poète portugais Tomás Pinto Brandão, originaire de Porto, et dont la vie et l'oeuvre se confondent d'une certaine manière avec celle du poète brésilien. Dans le présent travail l'auteur divulgue un poème de Pinto Brandão, du XVIII<sup>e</sup> siècle, qui retrace son arrivée à Bahia, en compagnie de Gregório de Mattos, et son séjour parmi nous. Une gravure du poète portugais (Pinto Brandão), du XVIII<sup>e</sup> siècle, illustre l'article.